



NGUGI WA THIONG'O

CONTRA HEGEMONIAS NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

O “Sul Global” na literatura-mundo

Luís Kandjimbo /*

A **Literatura-Mundo** é uma disciplina que desde 1990 vem conhecendo larga difusão. Mas, as interrogações acerca da sua rigorosa definição têm dado lugar ao surgimento de um alternativo campo do conhecimento, os Estudos Literários Globais. A natureza controversa da denominação reside no facto de não possuir suficiente alcance, em virtude de as línguas europeias serem os únicos critérios de definição do seu campo e de selecção dos materiais de estudo, delas dependendo exclusivamente. Mas as variedades nacionais dessas línguas que se tornaram transnacionais revelam a existência de outras culturas, já que a diversidade linguística e cultural é, na verdade, a realidade dominante nos países africanos cujas línguas oficiais são europeias.

Nos Países de Língua Portuguesa, foi em Portugal que, há cerca de três anos, se registou uma das iniciativas que assinala os efeitos da crescente vaga do campo de estudos, visando legitimar uma “Literatura-Mundo Comparada”. O Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa publicou uma antologia, “Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em Português”, de que fui um dos colaboradores convidados, partindo do postulado segundo o qual o objectivo é “contribuir para a

construção da Literatura-Mundo (Weltliteratur, World Literature) em português e em Portugal”.

Como já referi, nos espaços académicos do chamado “Norte Global” o uso dessa denominação disciplinar não é unânime. A norte-americana Emily Apter escreveu um livro intitulado “Against World Literature”, (Contra a Literatura-Mundo), fundamentando a sua perspectiva na intradutibilidade das obras não-ocidentais, contrariamente ao que pretendem os seus defensores.

O estudo da posição que as literaturas africanas ocupam na Literatura-Mundo, enquanto domínio da literatura comparada, definida como investigação de qualquer literatura nacional do ponto de vista internacional, permite verificar a existência de uma tensão entre a lógica da diversidade e a lógica da hegemonia linguística. A manifestação concreta disso verifica-se através da penetração geopolítica de critérios estéticos e editoriais típicos dos sistemas literários nacionais ocidentais no espaço de outras literaturas consideradas “periféricas”, de acordo a ferramentas analíticas eurocêntricas desse domínio dos estudos literários.

O **“Sul Global” literário** Em finais do século XX, essa geopolítica linguística e literária toma forma com a consagração do “Sul Global”, enquanto categoria, por oposição ao “Norte Global”. A

hegemonia do poder de definir do “Norte Global” e os seus fundamentos linguísticos conferiram dignidade institucional ao espaço ou objecto em que se confinam as outras sociedades, civilizações, culturas, línguas e literaturas, não-ocidentais, quando, em 2007, foi criada a revista “The Global South”, “O Sul Global”, e a constituição de grupos de trabalho nos congressos da Associação de Línguas Modernas, em painéis dedicados aos Estudos Culturais e Literários Comparados, a organização académica legitimadora dos Estados Unidos da América.

No fundo, trata-se de um eufemismo através do qual se substitui a expressão “Terceiro Mundo”, outra categoria, já esvaziada de sentido com o fim da Guerra Fria. Este é o sentido que inspira o artigo inaugural da referida revista especializada, assinado por Arif Dirlik. Mas, contra-argumentos também não faltam. A sul-africana Isabel Hofmeyr, dá o tom com o seu “Against the Global South”, (Contra o Sul Global), ao considerar que o termo pode ter esgotado a sua utilidade praticamente antes de começar.

Contradiscursos

A este propósito, vou destacar o essencial das ideias de três reputadas especialistas acerca dos problemas que se levantam.

Pascale Casanova (1959-2018) é francesa, distinta crítica literária da sua geração, infelizmente, já falecida.

Notabilizou-se com uma abordagem daquilo a que designou por “república mundial das letras”. Foi professora visitante no Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Duke, Estados Unidos da América.

Gayatri Chakravorty Spivak (1942), e Shu-Mei Shih (1961), representantes do “Sul Global”, são asiáticas cujas ideias têm impacto no mercado académico global, quando se trata de problematizar o poder de definição do domínio das Humanidades. Curiosamente, estas duas interlocutoras são oriundas de dois países emergentes que integram os chamados BRICS. Uma é indiana e outra chinesa.

Spivak, professora de Humanidades na Universidade de Columbia, Estados Unidos da América, e fundadora do Instituto de Literatura Comparada e Sociedades, é uma proeminente autoridade dos estudos feministas, estudos subalternos e dos estudos pós-coloniais como pode ser comprovado pelo seu livro “Crítica da Razão Pós-Colonial”.

Shu-Mei Shih, presidente da Associação Americana de Literatura Comparada, professora de Literatura Comparada, Línguas e Culturas Asiáticas e Estudos Asiáticos Americanos na Universidade da Califórnia, Los Angeles, é responsável pela criação de um novo campo científico interdisciplinar, os “Estudos Sinófonos”.

Na sua argumentação, Pascale Casanova admite a existência de uma geopolítica das relações literárias internacionais. Diz ela que a “república mundial das letras” é caracterizada por uma dominação política através das línguas. Não sendo a língua um instrumento neutro, mantém dependências políticas. Assim, a dominação política é exercida sob a forma linguística, implicando por isso uma dependência literária. Para Pascale Casanova as línguas europeias como factor de potência suscitam uma categorização dos fenómenos com um forte acento etnocêntrico num exercício eufemístico que legitima a marginalização ou periferização das “pequenas literaturas” como as Literaturas Africanas escritas em línguas europeias. Desvenda assim o carácter maligno das teorias dominantes no mercado literário ocidental.

Por Gayatri Chakravorty Spivak e Shu-Mei Shih nutro uma simpatia que se funda nas suas preocupações com a situacionalidade das teorias e a posicionalidade dos seus autores, no âmbito da geopolítica dos estudos globais onde se inscreve o sul do continente asiático.

Tematizando a problemática, tal como o demonstra no seu livro “The Death of Discipline”, (A Morte de uma Disciplina), Spivak vem propor o abandono da sofisticada tradição linguística da Literatura Comparada ocidental que se estrutura em torno do que designa por anglo-

fonía, francofonia, lusofonia e teutofonia. Defende a necessidade de se adoptar as línguas do Hemisfério Sul como meios culturais activos, e não como meros objectos de estudo cultural à luz de modelos de um presumível centro do espaço global. Por isso, considera que a Literatura Comparada pode contribuir para a fortuna das literaturas nacionais do “Sul global”, mas também da escrita das suas próprias línguas, perante a ameaça programada que paira sobre a sua existência.

Gayatri Chakravorty Spivak é uma das responsáveis pela consagração operatória da expressão “Sul global” nos estudos literários, atribuindo-lhe um sentido radicalmente diferente.

Por sua vez, no seu interessante artigo “Global Literature and the Technologies of Recognition”, (Literatura Global e Tecnologia de Reconhecimento), Shu-Mei Shih problematiza o discurso académico e o mercado literário como tecnologias de reconhecimento a que são submetidas as literaturas não-ocidentais, consideradas minoritárias, de acordo com as chamadas teorias “universalistas” eurocéntricas. Ela entende que no discurso académico ocidental o “reconhecimento” de outras literaturas assenta na pura negligência ou ignorância fingida, características da produção neocolonial de conhecimento e da divisão global do trabalho intelectual. Observa que o silêncio e a ignorância exacerbam as estratégias de hierarquização do que designa como sendo a “política de representação e reconhecimento centrada no Ocidente”. Para Shu-Mei Shih a generosidade dos académicos ocidentais é sinónimo de uma atenção desigual e menos rigorosa, em matéria de avaliação das literaturas não-ocidentais, consideradas minoritárias e ausentes do cânone literário ocidental.

Ética da equidistância literária

Os imperativos éticos da literatura conduzem certos sectores do mundo académico para a advocacia do “fim da teoria pós-colonial”, pois já não existe um único centro, tudo se fragmenta em legados de outros sujeitos da alteridade num mundo policêntrico e de partes equidistantes cujo movimento conduz aquilo a que escritor queniano Ngugi wa Thiong'o designa por “globaléctica”, no seu livro de ensaios “Globallectics. Theory and the Politics of Knowing”, (Globaléctica. Teoria e Política do Conhecimento), publicado em 2012. Trata-se de um neologismo. É uma palavra que deriva dos termos “globo” e “dialéctica”. Exprime a contensão recíproca da heresia e a harmonia no tempo e no espaço, onde o tempo e o espaço são aliados um do outro. Remete para a necessidade da leitura global. É uma maneira de abordar qualquer texto literário, a qualquer hora e lugar, de tal modo que os seus conteúdos e temas originem uma conversa livre tecida com outros textos literários do seu tempo e lugar, proporcionando da melhor maneira possível o máximo das suas potencialidades a qualquer ser humano.

*Ensaísta e professor universitário

OBRA DE ARTE

Eduardo Vueza brilha com “Lixo ao Luxo”

O artista utilizou na obra, premiada no concurso “Don’t Waste, Create - Arte Ecológica”, teclados, visores, baterias, placas, circuitos de computadores, restos de telemóveis, rádios, comandos, placas de TV, amplificadores, cabos USB, cabos analógicos e carregadores

| EDIÇÕES NOVEMBRO



Mário Cohen

A cerimónia de entrega do prémio de artes plásticas “Don’t Waste, Create - Arte Ecológica”, organizado pela Angoalissar, inicialmente prevista para o mês passado, foi adiada para uma data a indicar, por causa da pandemia da Covid-19. O vencedor do prémio, segundo anúncio feito há duas semanas, é o artista Eduardo Vueza, com a obra “Lixo ao Luxo”.

Pontificava no júri do prémio “Don’t Waste, Create” o consagrado artista plástico António Gongá. Segundo o júri, o prémio foi atribuído à obra “Lixo ao Luxo” pelo “cumprimento dos objectivos do concurso, em que o artista transformaria o que seria lixo numa obra de arte”, acrescentando que Eduardo Vueza expressa “a sua paixão pela cidade de Luanda, retratando um dos cartões postais da cidade que é a Marginal de Luanda, utilizando materiais como restos de paletes de madeira, restos



de telemóveis, estilhaços de vidros de carros, entre outros”.

A obra vencedora e nove outras seleccionadas entre as participantes estão patentes numa exposição colectiva online denominada “Arte Sem Desperdício”, patente no site da empresa Angoalissar.

De acordo com uma fonte da organização, o grande objectivo da Angoalissar, com a realização do concurso, é lançar campanhas com a finalidade de desafiar os artistas nacionais a criar peças de arte que promovam a defesa do meio ambiente, reutilizando o lixo para criar algo novo, com a intenção de desenvolver actividades sobre a importância do meio ambiente e a reciclagem de materiais descartáveis.

Facto relevante, as obras que não foram escolhidas para constarem da exposição poderão voltar a participar em futuras edições do concurso.

“Parece pintura”

Eduardo Vueza, na obra “Lixo ao Luxo”, utilizou dispositivos electrónicos como teclados, visores, baterias, placas, circuitos de computadores, restos de telemóveis, rádios, comandos, placas de TV, amplificadores, cabos USB, cabos analógicos e carregadores.

O autor escolheu como tema da sua obra a Marginal de Luanda nos seus vários ângulos, com realce para a baía que para muitos turistas é o cartão de visita da cidade capital. Mas também inclui os edifícios, o porto e os automóveis na via ou estacionados nas bermas.

“Eu aproveito todos os componentes electrónicos para produzir obras de arte, transformando aquilo que parece ser lixo em produto valioso”, disse o artista. “É melhor apreciar a obra em 3D para ver melhor a beleza da Marginal”, acrescentou, expressando que numa primeira observação

“o quadro simula ou parece ser pintura”.

Preocupado com o ambiente e usando a sua criatividade, Eduardo Vueza acha que é sua responsabilidade como artista ajudar a dar um destino seguro aos materiais descartados que podem danificar o ambiente e fazer mal à saúde das pessoas.

Vueza disse que tem mil e um motivos para acreditar que a sua carreira está numa grande fase de progressão, com a conquista do concurso. Mesmo assim reconheceu que ainda tem um caminho longo a percorrer para atingir o patamar desejado. “Todos os dias, procuro trabalhar mais e mais e beber experiência dos mais experimentados nas artes plásticas”, frisou.

Percurso artístico

Eduardo da Cruz João, o próprio Eduardo Vueza, nasceu em Luanda, aos 26 de Janeiro de 1979. Artista autodidacta, é membro da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP). Possui vários murais espalhados pela cidade.

Participou em actividades artísticas colectivas e tem obras em colecções de particulares, de instituições e de empresas. Nos anos de 2012 e 2013 participou no Coopearte, na extinta galeria Celamar, da ceramista Marcela Costa.

Em 2014 participou na exposição e pintura mural em alusão ao Festival Nacional de Cultura e Artes (FENACULT) e em 2015 fez parte do catálogo Imago Mundi, denominado “Angola Wisdom Like a Baobab”, promovido pela Fundação Benetton.

No ano de 2016, enfrentou o maior desafio da carreira, ao participar na 13ª edição do En-sarte, feito que viria a repetir dois anos depois. Em 2019 integrou um grupo de jovens pintores convidados para inaugurar uma exposição colectiva em homenagem ao Mestre Kapela, na galeria Espaço Luanda Arte (ELA).

MITO SOBRE “O ORDENAMENTO DO MUNDO”

A origem de tudo segundo os Akwakimbundu

Narrativa mitológica sobre a organização do “mundo primordial” Akwakimbundu, colectada e guardada por José Bernardo Domingos Kyoza (1925-2002), que foi vice-presidente do MPLA (1961-1963), conselheiro do presidente Kwame Nkrumah, do Ghana, e primeiro Embaixador de Angola no Vaticano. Este texto é tornado público pela primeira vez, com a devida vénia à memória de José Bernardo Domingos Kyoza

“Ngana a Nzambi designou Ngunza, o senhor da providência, para administrar o mundo. Este, por sua vez, confiou essa tarefa a três “génios” da natureza: Kakulu, Kabasa e Kyoza. Os três tinham a mesma origem e idade igual e gozavam de um conhecimento igual e sem paralelo sobre o mundo.

Assim, Kakulu ficou encarregado de governar os terrenos baldios, as florestas, os rios e lagoas, os mares e os lagos. Kabasa tomou conta da fertilidade das terras, das estações do ano, períodos do tempo que são determinantes para o trabalho do Homem. Kyoza foi incumbido de

velar pelos seres humanos, pelo bem-estar e desenvolvimento harmonioso destes, ao mesmo tempo que tinha o controlo sobre a existência de todos os animais na terra, nas águas, nas matas e florestas e, enfim, sobre o ar.

Depois de certo tempo, Kyoza apercebeu-se que os homens se multiplicavam muito rapidamente e que os produtos alimentares produzidos eram insuficientes para a manutenção destes. Verificou, igualmente, que as matas, florestas, bosques e prados estavam a ser gradualmente devastados pelos seres humanos, constituindo isso

um grave prejuízo para estes e para os demais animais. Deste modo, Kyoza decidiu consultar Ngunza que, depois de o ouvir, recomendou-lhe que contactasse Kabila ka Mutombo, um grande senhor que tinha sob o seu controlo o tempo e as idades, tanto dos homens como dos animais, das plantas e até dos minerais. Depois de ouvir Kyoza e sem se fazer de rogado Kabila ka Mutondo designou um dos seus súbditos, de nome Kalunga, para equacionar os seres humanos, o seu desenvolvimento e sobrevivência.

Kalunga conhecia muito bem o passado e o futuro de toda a hu-

manidade, os direitos e os deveres de cada indivíduo, bem assim como a sua ascendência e destino final: ele era o administrador da morte. Nesta conformidade, Kabila ka Mutondo deu ordens a Kalunga para que este tirasse da terra todos os seres humanos que estivessem desprovidos de energia física. No entanto, Kalunga decidiu agir contrariando as decisões de Kabila ka Mutondo, que consistia em fomentar a morte dos mais fragilizados, já que, pouco tempo depois, alertado, Kabila ka Mutondo depois de ter consultado Ngunza pelo facto de Kalunga estar a dizimar não

apenas as pessoas tidas como caducas, mas também crianças e jovens, ficou indignado com este ignóbil procedimento, porém não o destituiu do seu cargo.

Como maneira hábil para dar solução à contradição evidenciada por Kalunga, Kabila ka Mutondo indicou Ngola, um dos seus súbditos, que sabia manejar com destreza a técnica de forjar e a manutenção do fogo, e deu-lhe plenos poderes para transformar os metais em figuras humanas, a fim de compensar as perdas sofridas pela humanidade dos mortais, por virtude do trabalho de Kalunga.”

REDES SOCIAIS NA VIDA PROFISSIONAL

Por uma postura digital equilibrada



As redes digitais têm um impacto significativo na carreira profissional das pessoas, elas tornaram-se uma ferramenta imprescindível para alcançar aquela promoção desejada ou para encontrar aquele emprego de sonho

Tânia J. A. Costa |*

A **comunicação** representa um pilar para as sociedades, as suas estruturas, os seus indivíduos e a maneira como eles se inter-relacionam. A revolução das tecnologias de informação nos anos 70 mudou completamente o paradigma da forma de estarmos conectados. Logo após meados dos anos 80, foi criada a internet que permitiu uma abordagem e gestão infinita de informações, redução drástica das distâncias geográficas e, consequentemente, criaram-se novos hábitos e aumentou a tendência da sociedade a utilizar as redes sociais tanto como forma de exposição como de comunicação.

Não surpreende, pois, que desde 2010 seja comemorado anualmente o dia 30 de Junho como o dia das redes digitais, segundo o website americano Mashable: celebrar o dia das redes sociais é uma forma de reconhecer a revolução digital que transformou a mídia num ambiente e espaço social. O dia é comemorado com a organização de encontros informais de pessoas de todo o mundo por meios tecnológicos ou presencialmente.

As redes digitais têm um impacto significativo nas carreiras profissionais das pessoas, elas tornaram-se

uma ferramenta imprescindível para alcançar aquela promoção desejada, encontrar aquele emprego de sonho, sempre e quando tivermos uma postura correcta. Nesse sentido, as empresas estão cada vez mais comprometidas em escolher profissionais que prezem por um equilíbrio comportamental digital. O excesso da exposição pessoal informal, a disseminação de preconceitos, as fotografias comprometedoras que reflectam hábitos étlicos, trazem uma imagem negativa e podem contribuir significativamente para ocultar e ou barrar oportunidades.

Nos dias de hoje, muitas empresas a nível mundial usam as redes sociais para fazer recrutamento marketing. E já é comum em Angola notarmos algumas empresas de renome e "status" no mercado com essas mesmas tendências.

Paralelamente, muitos políticos utilizam as redes sociais para divulgação de suas ideias e ideologias com a finalidade de se promoverem, estimularem a adesão de inúmeros seguidores e divulgarem os seus feitos. Um bom exemplo é, de certeza, o Presidente João Manuel Gonçalves Lourenço, que tem a sua página oficial na rede social denominada Twitter (João Lourenço@jlprdeangola): ele usa a página para abordar sobre questões do país ou,

também, congratular-se pelos feitos de cidadãos destacados, na nossa sociedade. "Felicitamos as autoridades do município do Andulo, pelas soluções inovadoras no quadro das medidas de redução do risco de contaminação pelo Covid-19. Vosso exemplo de busca permanente por soluções locais deve ser seguido e replicado pelo resto do país". Este foi um dos twitters de João Lourenço@jlprdeangola, no passado dia 17 de Junho.

Entretanto, existem no mundo inúmeras redes digitais, sendo as mais famosas o Facebook, Instagram, LinkedIn, Twitter e o Whatsapp. Um bom exemplo de autopromoção e postura profissional digital é o LinkedIn, uma rede social criada em 2002 no intuito de permitir a partilha de informações profissionais no mercado de trabalho, networking, obtenção de um curriculum vitae virtual, dar e receber feedbacks, gerar parcerias, crescer, desenvolver, buscar conhecimento e novas ideias. Esta plataforma permite que o nível de conversa abordado seja o mais profissional possível e nela os profissionais criam um ego de reconhecimento, de desenvolvimento e não de aparências como noutras redes sociais.

Em vista disso, um perfil adequado em uma rede digital pode contribuir significativamente para o alcance

dos seus objectivos pessoais e profissionais. É, pois, fundamental sermos responsáveis com os conteúdos textuais e visuais, a forma como usamos as redes sociais procurando utilizar o terceiro filtro de Sócrates: "utilidade". Ou seja, como bem dizia aquele pensador: "se não tiver utilidade necessária, não é necessário".

Tenha uma postura digital equilibrada, porque ela pode abrir portas, oportunidades e reconhecimento.

* Consultora de carreira e negócios



“O excesso da exposição pessoal informal, a disseminação de preconceitos, as fotografias comprometedoras que reflectam hábitos étlicos, podem contribuir significativamente para ocultar e ou barrar oportunidades”





SOYO

História e beleza natural da cidade à beira-rio

O Soyo, na província do Zaire, é um município afamado muito por conta da exploração petrolífera tanto em terra como no mar. Mas engana-se quem pensa que as potencialidades desta região se resumem à existência de petróleo bruto

Victor Mayala / Soyo

O município, que tem o condão de ter sido a “porta de entrada” dos colonizadores portugueses no território que hoje é Angola - desembarque em 1482, na foz do rio Zaire (Ponta do Padrão) do navegador Diogo Cão - possui outras valências naturais, entre as quais encantos e recantos propícios para a prática do turismo.

A contrariedade é que muitos dos locais de interesse turístico carecem de investimentos capazes de criar um cenário de maior atracção de todos quantos gostam de se deleitar com a Mãe Natureza.

A região do “ouro negro”, outrora baptizada Santo António do Zaire, beneficiou da graciosidade da Mãe Natureza ao dispor de um panorama paisagístico invejável. A exuberância das suas praias, muitas das quais “casam” com os braços do rio Zaire, deixa qualquer visitante deslumbrado.

As praias de Quinfuena, Quifuma, Quivanda, Tómbé,

Sereia e dos Pobres, para além de tantos outros encantos e recantos, fazem do Soyo um destino predilecto de muitos turistas nacionais e estrangeiros ávidos por viver momentos “*sui-generis*” nas suas vidas.

No Soyo, os turistas têm a oportunidade de saborear os quitutes típicos, confeccionados pela mulher mus-solongu, um subgrupo étnico kikongo aborígine da região. Entre os pratos típicos mais apreciados pelos forasteiros, e não só, constam a wanguila (gergelim), nsaki madesu (uma mistura de kizaca e feijão), diaki-dia-ntente ou muteta (semente de abóbora com bagre fumado).

Sítios históricos como a Ponta do Padrão, Missão Católica do MPinda e Pata de Madia (peugadas de uma Santa nativa que resistiu à tentativa de ser deportada pelos colonizadores portugueses), integram o vasto roteiro turístico do município.

Segundo contou à nossa reportagem o guia turístico José Gonçalo Teresa, as peu-

gadas da Santa no local mais conhecido por Tambi Kia Madia, deixadas ao pular do navio que a devia levar a Portugal, continuam até hoje intactas e visíveis. Aliás, facto que deixa toda a gente intrigada, lá o capim deixou de crescer.

“Aquando da chegada ao nosso território em 1482, os portugueses encontraram algumas pessoas que tinham poderes sobrenaturais e eram consideradas ‘Santas’. Muitas dessas pessoas foram deportadas para Portugal. Mas Madia recusou-se a deixar a sua terra e o seu povo. A insistência dos portugueses em deportá-la irritou a ‘Santa’, que terá feito eclodir uma tempestade que quase terá provocado o naufrágio do barco”, explicou José Gonçalo Teresa.

O local, como frisou, tem sido muito visitado pelas delegações oficiais, tanto nacionais como estrangeiras, mas a sua importância contrasta com a falta de investimentos que o poderiam transformar numa verdadeira fonte de receitas para a região e o país.



Zaire e suas ilhotas

ADOLFO DUMBO | EDIÇÕES NOVEMBRO | SOYO

De encantos não é tudo. O rio Zaire, que dá nome à província, é um dos maiores atractivos e fonte de rendimento de muitas famílias, que se dedicam à pesca artesanal ao longo dos seus vários canais.

O rio, cujos contornos formam um total de 120 ilhotas, 60 das quais habitáveis, é considerado o primeiro de África e o segundo do mundo em volume de água, chegando a debitar algo como um caudal de 67 mil metros cúbicos de água por segundo para o Oceano Atlântico.

O serpentear dos diversos braços deste rio, tido também como o segundo maior de

África (após o rio Nilo) e sétimo do mundo, com uma extensão total de 4.700 quilómetros, oferece a quem visita a região uma visão paisagística sem igual. Uma parte considerável da cidade petrolífera do Soyo, a chamada baixa da cidade, onde se situa a maioria das instituições públicas, foi projectada entre os braços do rio.

Com um investimento sério em termos de infra-estruturas, o Soyo seria uma das melhores cidades do país, tendo em consideração a beleza natural que os diversos afluentes do imponente rio Zaire oferece.



“Petróleo deveria ser literalmente esquecido”

Alguns munícipes abordados pela nossa reportagem destacaram a importância do sector do turismo no processo da diversificação da economia nacional, fortemente dependente do petróleo, pelo que defendem que maiores investimentos devem ser alocados na construção de infra-estruturas e vias de acesso para as distintas zonas de interesse turístico, podendo também, por via disso, criarem-se mais postos de trabalho, apesar do contexto actual, caracterizado pela pandemia da Covid-19.

Por outro lado, os interlocutores lamentaram o estado de abandono

em que se encontram muitos sítios de interesse histórico e turístico. “Antes da pandemia, vinham ao Soyo muitos turistas para conhecer o local onde aportou Diogo Cão em 1482, mas as condições para chegar lá são péssimas”, disse o jovem Alberto Segunda.

Para ele, se houver maiores investimentos neste domínio, como, por exemplo, a colocação de pequenas embarcações para navegar nos diversos canais do rio Zaire, seria uma mais-valia e factor de maior atracção para os turistas, além de vir a constituir um ganho, do ponto de vista da arrecadação

de receitas para os cofres do Estado. O jovem lamentou, ainda, o facto de a ilha histórica da Ponta do Padrão não possuir um cais para facilitar o embarque e desembarque dos visitantes.

Sebastião António, outro interlocutor, defendeu a ideia de que o petróleo deveria ser, literalmente, esquecido, devendo todas as atenções serem viradas para outros sectores produtivos, capazes de alavancar a economia nacional, como são os casos do turismo e da agricultura.

“É preciso criar incentivos para que os privados invistam nesses

ramos de actividade. Muitos países do mundo têm no turismo e na agricultura as principais fontes de receitas”, disse Sebastião António, lembrando que Angola possui potencialidades de invejar em ambos os domínios, sendo o Soyo um exemplo disso.

Apesar das potencialidades acima citadas, o *Jornal de Angola* apurou que algumas das poucas iniciativas surgidas no sector do turismo, na região, regrediram consideravelmente, por força da crise económica, e ultimamente, pelo novo Coronavírus.

Uma das maiores referências

hoteleiras do Soyo, que antes do surgimento da pandemia acolhia os turistas que chegavam à região, é o hotel Nempanzu, propriedade do empresário Adriano Manuel “Dânia”. A unidade hoteleira, projectada na margem de um dos braços do rio Zaire, constitui o principal cartão postal da cidade ribeirinha. O empreendimento tem a categoria de quatro estrelas, com 102 quartos, duas suites presidenciais e uma piscina. Possui ainda um anfiteatro com capacidade para acolher 250 pessoas sentadas e três salas de reuniões de 60 lugares, cada.





KUNDI PAIHAMA NA IGREJA EVANGÉLICA SINODAL DE ANGOLA

História da conversão de um antigo revolucionário

Falecido em Luanda no passado dia 24 de Julho, vítima de doença, o general Kundi Paihama foi a enterrar na última quinta-feira no cemitério Katutula, no “coração” do município huilano de Quipungo, sua terra natal. As jornadas fúnebres do general em Quipungo vão se estender até Dezembro próximo, altura em que deveria celebrar 76 anos de idade. Ao proceder ao serviço fúnebre, o reverendo Dinis Marcolino, presidente da Igreja Evangélica Sinodal de Angola, traçou a trajectória espiritual do general Kundi Paihama, que culminou com a sua conversão ao Cristianismo no dia 24 de Dezembro de 2012

Arão Martins | Quipungo

Quinta-feira. O cenário no velório do general Kundi Paihama, na sede municipal de Quipungo - 120 quilómetros a Leste da cidade do Lubango, província da Huíla, - era de angústia e desolação. Quipungo parou.

Se para muitos, Kundi Paihama era o nacionalista, o político, o comandante, o líder, o combatente da linha da frente e o homem de convicções, para a liderança da Igreja Evangélica Sinodal de Angola, denominação religiosa centenária mais conhecida na região

Sul, ele era, sobretudo, um “soldado de Cristo Jesus”.

Apesar das restrições impostas pelas medidas de biossegurança, devido à Covid-19, a população saiu em massa para dar o último adeus a Kundi Paihama. Os choros ecoavam nas multidões perfiladas na berma da Estrada Nacional 280, que rasga a sede municipal de Quipungo, na ligação das cidades do Lubango (Huíla) e Menongue (Quando Cubango).

O acto fúnebre decorreu sob cânticos de hinos constantes do hinário “SivayiSuku”, que em português significa “Adorai a Deus”.

“Com Jesus há uma morada

feliz”, “Descansando no poder de Deus” e “Não recearei e nada temerei” são, dentre outros, os hinos cantados enquanto a uma contendo o corpo do general descia à tumba no cemitério Katutula, situado no “coração” de Quipungo.

Raízes religiosas

Kundi Paihama, filho de Paihama e de Kaumbe, nasceu aos 9 de Dezembro de 1944 em Katolotolo, município de Quipungo, província da Huíla.

Através do seu tio Tchiholeka Tchoia (que tinha ido buscar a Luz do Evangelho na Missão Evangélica Filáfrica e a trouxe para a sua aldeia de Katolotolo), contou

o reverendo Dinis Marcolino, presidente da Igreja Evangélica Sinodal de Angola (IESA), ao intervir no serviço fúnebre, o então jovem adolescente Kundi Paihama foi aceite como aluno no internato da referida Missão Evangélica Filáfrica em Kalukembe, hoje Igreja Evangélica Sinodal de Angola, onde fez a instrução primária de 1955 a 1960, sob tutela de missionários suíços e autóctones.

Beneficiando de uma bolsa de estudos da Missão, foi transferido para a cidade do Lubango, para o internato da actual Igreja da União-Lage, indo estudar no ex-Liceu Diogo Cão, até 1964.

Naquele período, segundo Dinis Marcolino, Kundi Paihama era membro catecúmeno, porém, não chegou a ser baptizado porque, em 1965, foi incorporado no exército colonial português, onde cumpriu o serviço militar até 1968, interrompendo assim o catecismo.

Após a disponibilidade para a vida civil, ingressou no funcionalismo público até 1975, quando se envolveu fortemente na revolução pela consolidação da Independência de Angola, tendo ocupado altos cargos militares e governamentais e granjeado muita simpatia do povo angolano.

Se para muitos, Kundi Paihama era o nacionalista, o político, o comandante, o líder, o combatente da linha da frente e o homem de convicções, para a liderança da Igreja Evangélica Sinodal de Angola, denominação religiosa centenária mais conhecida na região Sul, ele era, sobretudo, um “soldado de Cristo Jesus”

Regresso à fé e reorientação espiritual

EDIÇÕES NOVEMBRO

O regresso de Kundi Paihama à fé, no seio da Igreja Evangélica Sinodal de Angola, sua igreja mãe, frisou o presidente desta denominação religiosa, inicia em 1997, por altura do Sínodo Geral da IESA. Foi quando Paihama, nas vestes de governador provincial da Huíla, proferiu um discurso que comoveu as pessoas e ofereceu uma ambulância e alguns kits de medicamentos ao Hospital de Caluquembe. Daí em diante, acrescentou Dinis Marcolino, “o Espírito Santo foi trabalhando no seu coração de várias maneiras e usando muitas pessoas e várias circunstâncias, incluindo outras Igrejas em Angola”.

De 1997 a 2012, Kundi Paihama participou em diferentes cultos de adoração e eventos da IESA. Em 2007, enquanto ex-aluno da Missão de Caluquembe, esteve presente no Encontro Nacional dos Quadros e ex-Estudantes das Missões da IESA, no qual foi um dos prelectores e patrocinador principal.

Em 2008, continuamos a citar Dinis Marcolino, Kundi Paihama participa no culto de consagração de novos pastores no campo Mandume, no Lubango, “onde usa da palavra com muita eloquência”. No ano seguinte faz parte do “grande” culto de empossamento do novo secretário do Sínodo Eclesiástico do Litoral Centro (Benguela) e do animador geral da Juventude da IESA (JIESA). Aí volta

a usar da palavra e assume-se publicamente como membro da IESA.

Em 2010, salientou ainda o líder da IESA, Paihama é orientado espiritualmente pela Direcção Nacional da IESA a assistir, de forma assídua, aos cultos dominicais na igreja local da IESA, no centro da cidade do Lubango. É lá que Kundi Paihama aprofunda a sua fé religiosa.

Construção do templo

Depois de, em 2011, participar no Sínodo Geral da IESA, realizado no Lubango, disse o reverendo Dinis Marcolino, no mesmo ano, por iniciativa própria, Kundi Paihama patrocina a construção do templo da IESA na comuna de Cainde, município de Quipungo, que viria a ser dedicado a Deus aos 05 de Agosto de 2018, com o nome “Salamina”, em alusão ao primeiro local onde o apóstolo Paulo pregou pela primeira vez na sua primeira viagem missionária, depois de se ter convertido a Cristo.

Em Novembro de 2012, lembrou Dinis Marcolino, o general Kundi Paihama, finalmente, pede oficialmente para ser baptizado. “Seguiu-se então (e como mandam as regras eclesiais) um período intensivo de revisão de lições de Catecismo baseadas no livro ‘Fé Evangélica’, sob os cuidados pastorais do presidente da IESA, como conclusão do processo in-

terrompido em 1964”.

Cumpridas as lições e “tendo manifestado sinais de novo nascimento”, foi baptizado no dia 24 de Dezembro de 2012 na Igreja local da IESA Salamina, em Cainde. Paihama era então ministro dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria.

“Kundi Paihama continuou sendo membro do Governo, mas a manifestar sinais do novo nascimento e muitas vezes, publicamente, foi testemunhando a sua fé, até que rendeu a sua alma a Cristo”.

Sinal de muita coragem

O presidente da IESA, reverendo Dinis Marcolino, afirmou que o facto de Kundi Paihama ter pedido o baptismo enquanto membro do Governo de Angola e da mais alta cúpula do Partido que governa o país “é sinal de muita coragem e vontade que mostra que o Espírito Santo trabalhou muito em si”.

“São poucos os que assim fariam, por causa da vergonha. Mas Jesus disse que ‘Qualquer que se envergonhar d’Ele e das suas Palavras, também se envergonhará dele no último dia diante do Pai’. Onde abundou o pecado, superabundou a graça, diz a Bíblia”, referiu o presidente da IESA, rematando, poucos antes da descida do corpo de Kundi Paihama à cova: “Que a sua alma descansa em paz junto do Senhor Jesus Cristo a quem ele creu e testemunhou publicamente sem vergonha”.





ENTRE O SONO E A ANGÚSTIA

O dilema de Kiari Kassanje

Kassanje era natural de Kambundi Katembo, enquanto Kituxe e Ekumbi eram, respectivamente, da Quibala e Longonjo. Os três haviam cruzado os seus destinos quando foram habitar numa vetusta edificação, degradada e abandonada, no centro histórico da cidade

Bendinho Freitas

O terreno era baldio e estreito; contudo, serviria, certamente, para ser erguido, mais uma daquelas presunçosas moradias que insultam o padrão arquitectónico naquela zona da cidade! Talvez nascesse mais uma edificação envidraçada, para desafiar a tropicalidade local!

A espontaneidade do marulhar; as línguas das ondas tranquilas, lambendo a areia da praia e o grasnar das gaviotas arranhando o silêncio do fim de tarde, ainda lá continuavam; porém, já não conseguiam devolver a beleza roubada ao lugar, há anos.

No coração da noite, certas quinquilharias dispersas, acumuladas pelos jovens moradores e objectos descartados pela vizinhança, repousavam no chão, tomando conta do ambiente. Algumas ratazanas despreocupadas, de vez em quando, circulavam com peculiar agilidade, traçando naquele chão, agora asqueroso, várias rotas, que pareciam pré-concebidas: era a celebração duma harmónica convivência com o punhado de adolescentes, dormindo ao relento, numa ingénua invocação às enfermidades, só freada por Deus.

No cenário vislumbra-vam-se três jovens sem tecto,

dispersos; enrolados nas suas mantas sujas, sob cumplicidade protectora da abóbada celeste pintada de obscuridade. A noite envergonhada lacrimejava uma neblina de tristeza, guardando para dias melhores o sorriso das estrelas e a claridade ardente do luar.

Os jovens largados a sorte, como verdadeiros fardos sociais, continuavam esquecidos pelos cegos corações dos homens; mas, recordados que tinham os dias contados, naquele espaço: ainda moravam nos seus ouvidos, a voz imperativa do novo proprietário, alertando-os, num áspero ultimato, para, num prazo de dois dias, abandonarem o terreno, agora cercado para obras.

Outrora, o local pertencera a uma zona, miraculosamente, desanexada de um polígono florestal à beira mar. As placas proibindo a construção de moradias, ainda lá continuavam plantadas, resistindo ingloriamente aos bolsos astutos, que se enchiam de egoísta satisfação. Cada dia que passava, o polígono emagrecia a olhos vistos: novas ruas e talhões nasciam do nada, enviando um agregado populacional de árvores, para o além.

O vento marinho apalrava com brandura as árvores sobreviventes, enquanto folhas de palmeiras tremiam de

medo, preocupadas com o incógnito destino, a elas reservadas, pelos homens.

Kiari Kassanje – o mais velho do grupo, era alto, de rosto magro e cabelos des-cuidados – levantou-se estonteado, de um sono bruscamente cortado pelas águas fedorentas que, de súbito, se libertavam de um cano do terraço da vivenda ao lado, e, escoltadas pelo vento, iam baptizar o seu andrajoso lençol: ficou ali pregado, com as mãos presas à cintura; o rosto franzido, pela fúria, olhava para o ponto de onde provinha a água, enquanto resmungava: “já não bastam as baratas e mosquitos, que nos vão enforcando a paciência!?”

Não muito distante, mas, protegidos do baptismo das águas putrificadas, os seus companheiros Nando Kituxe e Ekumbi João, forrados num sono batalhador, contra impiedosos mosquitos, feriam a escuridão da noite, com um coral de roncões, experimentando uma epopeia, que prometia durar até o raiar do sol.

Kassanje era natural de Kambundi Katembo, enquanto Kituxe e Ekumbi eram da Quibala e Longonjo respectivamente. Os três haviam cruzado os seus destinos, quando foram habitar, numa vetusta edificação, degradada e abandonada, localizada no

centro histórico da cidade. Apesar do estado de conservação, o edifício foi mantendo a sumptuosidade: construído há dois séculos, já foi uma das jóias da arquitectura colonial, tendo se degradado vertiginosamente, com a invasão de famílias deslocadas de guerra e outras, provenientes do interior, atraídas pelas oportunidades e sonhos da cidade.

Com o decurso dos anos, o imóvel tornara-se perigoso para os próprios ocupantes, tendo resultado no desalojamento compulsivo das famílias, sob olhares vorazes de interesses imobiliários, que pediam a demolição total do edifício: Já cogitavam a construção de uma moderníssima torre de escritórios – das maiores da África subsariana: diziam, ávidos os promotores. Todavia, mesmo conscientes das avultadas fortunas a desembolsar na sua restauração, uma corrente da sociedade, inclinada à preservação da história da cidade, travava uma dura batalha, para salvar o edifício.

Esquecidos na amarga indiferença, os desalojados respiravam o cheiro do desprezo da sociedade. Marginalizados, Kassanje e companheiros, ensaiaram uma martirizada peregrinação, em busca do tecto sonhado; tendo-o encontrado, naquele antigo pedaço

do polígono florestal, onde, agora, acabavam de receber o fresco ultimato de despejo.

Kassanje recolheu o seu improvisado colchão de papelão, deslocando-se para a outra extremidade, buscando encontrar um local mais aconchegante, para continuar a dormir. Trazia amparado, no outro braço, a manta, e, foi-se aproximando do espaço onde dois seguranças privados, que guarneciam a vivenda, ao lado, resistiam ao mordaz peso da sonolência.

Os passos de Kassanje espantaram o sono do latagão Lucas Kapenda, um dos seguranças. Este, já refeito do sono, olhou-o e esforçou-se para esboçar um sorriso solidário. Entretanto, encolheu os ombros, dando a entender que nada podia fazer por eles.

Na paz do silêncio, o interior de Kiari Kassanje era invadido por uma revolta, quando mergulhou os pensamentos nas perversidades do destino. Viajando nas lucubrações, sonhava: “que bom seria, se no mundo, a solidariedade social não se escondesse nos bolsos cheios de ganâncias consumistas que podem”; “que bom seria se os poderosos plantassem, ao menos, uma semente de amor, em cada alma sufocada, para germinar a dignidade humana, a nós subtraída”. Perguntava-se:

“como poderemos ludibriar o futuro paralítico, que o destino nos honra?” As respostas escondiam-se nas nuvens do pensamento!

Manteve-se ali, quedo, a olhar para o outro segurança da casa, completamente vencido pelo sono. Dormia sentado, com a cabeça estática, totalmente inclinada para baixo, como se estivesse hipnotizado; todavia, as mãos continuavam a segurar a velha Kalashnikov, numa prontidão alienada.

O sossego da rua, amiúde, era roído pelo roncar de carros que, com os seus faróis, encandeavam a ténue iluminação do local. Naquele instante, Kassanje, com os olhos marejados de lágrimas, invejou o homenzinho que dormia, completamente varrido pelo cansaço do dia, e novamente vagueou nos sonhos enevoados: “ai, quem me dera, poder desfrutar de uma noite de sono bem dormida, para enxugar, por algumas horas, o drama que teima em ensombrar a minha miserável sina”. No entanto, como ele poderia dormir sereno, se os mosquitos e baratas com que lutava, as ratazanas, com as quais celebrara, inconscientemente, o pacto de convivência e o orvalho, que molhava a sua consciência, questionavam-no, como seria o dia de amanhã!?